

Turismo e religiosidade: os fazeres festivos amazônicos em tempos da pandemia de Covid-19

Tourism and religiosity: the amazon festive making in times of the Covid-19 pandemic

Maria Augusta Freitas Costa Canal

Professora Adjunta da Faculdade de Turismo da Universidade Federal do Pará – UFPA,
Belém/PA, Brasil
E-mail: augustageotur@gmail.com

Milene de Cássia Santos de Castro

Doutoranda em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí/SC,
Brasil
E-mail: castro.milene2010@gmail.com

Hygo da Silva Palheta

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades da
Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém/PA, Brasil
E-mail: palhetahygo@gmail.com

Artigo recebido em: 15-08-2021

Artigo aprovado em: 03-11-2021

RESUMO

A festa enquanto objeto de análise do turismo apresenta-se como evento compreendido como vetor multiplicador de negócios, capaz de atrair fluxo de turistas e impactar a dinâmica social. Numa dimensão mais abrangente, a festa permite evidenciar elementos vivenciados no fazer festivo que revelam dimensões das relações de territorialidades humanas, aspectos vinculantes da viagem turística como processo de descoberta e do encontro com o outro. Na Amazônia a festa aparece como expressão da religiosidade de suas territorialidades, oportunizando aos turistas e visitantes a possibilidade de realização de turismo religioso por meio da vivência da experiência turística através do fazer festivo. Objetivamos discutir a religiosidade devota do fazer festivo na Amazônia em espaços de turismo cultural religioso, refletindo sobre as modificações e adaptações desse fazer devido à pandemia de COVID-19. Assim, o recorte da pesquisa se dimensiona pelas festas paraenses: do Sairé e da Marujada, tendo por base a metodologia qualitativa com: levantamento bibliográfico e documental, trabalhos de campo com observação dirigida e entrevistas semiestruturadas.

Palavras-chave: Festa. Religiosidade. Turismo Religioso. COVID-19. Pará.

ABSTRACT

The fest as an object of analysis of tourism presents itself as an event understood as a multiplier vector of business, capable of attracting a flow of tourists and impacting the social dynamics. In a broader dimension, the fest allows to highlight elements experienced in the festive making that reveal dimensions of human territoriality relations, aspects that are linked to tourist travel as a process of discovery and meeting with the other. In the Amazon, the festival appears as an expression of the religiosity of its territorialities, providing tourists and visitors with the possibility of carrying out religious tourism through the experience of the tourist experience through the festive making. We aim to discuss the devout religiosity of the festive making in the Amazon in spaces of cultural and religious tourism, reflecting on the changes and adaptations of this work due to the COVID-19 pandemic. Thus, the scope of the research is dimensioned by the festivities in Pará: Sairé and marujada, based on the qualitative methodology with: bibliographic and documental survey, fieldwork with guided observation and semi-structured interviews.

Keywords: Fest. Religiosity. Religious tourism. COVID-19. Pará.

1. INTRODUÇÃO

Para Ferreti (2007) as festas da região Norte brasileira possuem *fazeres festivos* com sentido singular que ultrapassam o mero divertimento e lazer, se exprimindo como religiosidade. A partir de Caillois (1988) e Claval (2011), pode-se inferir a existência da constituição de espaço-tempo de elevação, mistura e participação de objetos e sujeitos que permitem aproximar diferenças e interagir pelo contato. Essas relações com o local das festas parecem relevantes à viagem turística como processo de descoberta e conquista da relação Eu-Tu (Bartholo, 2009) que ultrapasse as interações e sociabilidades. Nessa direção, o espaço-tempo do fazer festivo amazônico eleva a festa como dimensão de sua religiosidade pelo dever e obrigação e por permitir o retorno ao mito fundador e os debates teológicos como o da vida/morte; -início/fim/recomeço (Canal & Goes, 2017). Em tal medida, a constituição desse espaço-tempo imanente da descoberta e conquista da relação Eu-Tu permite compreender a atratividade turística pelo “reconhecimento e pela importância atribuídos a esses elementos na localidade onde estão inseridos” (Tavares, 2002, p. 17).

Segundo Aragão e Macedo (2011), as festas brasileiras de devoção em comemoração com procissões, pedido de bênçãos e pagamento de promessas dinamizam o deslocamento de fluxos ao longo do ano por todas as cinco regiões do país. Logo, esses fluxos por motivação das festas de devoção se exprimem como possibilidade de consolidação do produto turístico pelos eventos religiosos como atrativo turístico, o que na região Norte tem sido eminente na configuração da festa do Círio de Nazaré, que atrai mais de 2 milhões de pessoas como, também, em outras festas de devoção como a do Sairé e da Marujada que atraem mais de 100 mil pessoas cada (Fapespa, 2016). Neste sentido, num processo turístico onde o turista está inserido no espaço-tempo festivo da Marujada e do Sairé, o turismo religioso se sobrepõe ao turismo cultural no aspecto de possibilitar ao consumidor (turista) a vivência daquilo que Ardigó, Caetano e Damo (2016) consideram como cultura religiosa da festa. E, assim, abrir o campo permissivo experienciando e conquistando a relação Eu-Tu, a partir do reconhecimento da importância atribuída pelos condutores e fazedores daquelas festas de devoção festiva com expressão de suas religiosidades.

A dinâmica dos fluxos de deslocamento articulados pelas festas de devoção na Amazônia é interrompida pelo contexto pandêmico atual, provocado pela doença COVID-19, que impõe medidas de controle e imobilismo socioespacial configurados em decretos, quarentenas e *lockdown* de cidades inteiras, especialmente metrópoles e megalópoles (Fiocruz, 2020). Conforme indica Riched (2020), em termos globais a restrição de deslocamento e recuo

de viagens reprimiu em 70% as demandas turísticas, dada a inconstância de abertura e fechamento de fronteiras, emissão de vistos, aquisição e uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), além da emergência de novas e mais contagiosas cepas (Fiocruz, 2020, UFPA, 2020). De tal modo, buscamos neste trabalho discutir a religiosidade devota do fazer festivo na Amazônia em espaços de turismo cultural-religioso refletindo sobre as modificações e adaptações desse fazer devido à pandemia de COVID-19.

2. DO ENCONTRO NO TURISMO RELIGIOSO E O FAZER FESTIVO

Conforme infere-se em Aragão e Macedo (2011), é possível pensar o turismo religioso como aquele em que os fluxos de demanda e oferta permeiam espaços de doutrinas religiosas e/ou de culturas identificadoras derivantes dessas doutrinas. Para Ardigó, Caetano e Damo (2016), o segmento de turismo religioso fomenta diferentes localidades pelo consumo e desejo por obter entendimento de uma determinada cultura religiosa, seja por meio de visitação de templos, santuários ou até mesmo festas religiosas (Ardigó, Caetano & Damo, 2016). Nessa direção, vislumbra-se que o turismo religioso também motiva mudanças no espaço, em especial, segundo Almeida, Enoque e Oliveira Júnior (2019), o espaço urbano pela necessidade de ofertar infraestrutura e equipamentos turísticos a localidade, a exemplo, a construção de novos templos para suprir o crescimento de visitantes em busca do “encontro com o outro”.

No Brasil, a configuração de mudanças no espaço ao uso do turismo religioso perpassa pela criação de espaços, santuários e cidades próprias a esse uso como produto da incorporação de festas de Santos *sui generis* da religião católica nesse país (Aragão & Macedo, 2011). Conforme o autor, as festas de Santos constituíram-se ao longo do tempo como festas devocionais atreladas à cultura brasileira e ao forçar da identificação do grupo e, por isso, se vinculam ao subsegmento do turismo cultural-religioso. Para o autor, essa identificação percorre pelos modos com que os participantes das festas devocionais relembram *a vida do mártire*. Neste sentido, as festas expressam a dimensão de relação com elementos do sagrado, logo, de uma religiosidade que pode ou não estar mais ou menos articulada com uma religião, assim, o retorno ao mito fundador, o dever e obrigação, questões teológicas como: vida e morte, início e fim etc. (Caillois, 1988, Ferreti, 2007 & Claval, 2011).

Destarte, pensar a festa devocional como expressão da religiosidade e não estritamente de uma religião acaba por corroborar à sua classificação como subsegmento do turismo cultural-religioso. Contudo, a expressão da religiosidade impõe desafios às interações de sociabilidade

e subjetividade inerentes aos grupos sociais de visitantes e visitados no turismo. Partindo de inferências de Comarú (2015) entendemos que esses desafios perduram desde o contexto constitutivo do turismo moderno, quando as grandes e aceleradas mudanças sociais engendraram fortes repressões, incluindo religiosas, à figura do visitante que era compreendido como “violador de regras”, logo, daquele a ser reprimido, combatido “levando-os para longe da presença humana”. Segundo Bartholo (2009), o processo inerente ao contato no turismo deveria configurar-se como “processo de descoberta” que tensiona a relação Eu-Tu em um desejo de elevar a alteridade e participação ativa na vida do local visitado, um diálogo de sentidos que irrompe o “campo inter-humano”.

Nessa medida, o fazer turístico centrado nos mediadores e interface do encontro intercultural e diálogo de sentidos do Eu-Tu, implica na elevação do “diferente”, do “singular” com troca de referências e experiências incluindo as maneiras e condições ambientais de manejar e manter os recursos naturais locais, o que necessita de uma efetiva participação na vida comunitária, o que não ocorre de imediato no contato entre visitante e visitado. Por conseguinte, é possível que o entendimento da religiosidade devotiva dos fazeres festivos permita perceber e propor canais aproximativos à participação e experiência que irrompam o “campo inter-humano” nas interações de sociabilidade e encontros nas expressões da religiosidade.

Partindo de Caillois (1988) e Claval (2011), a intermediação do encontro no ínterim das festas é intensificada quando se analisa *mistura e participação*, que são elementos essenciais à categorização do espaço-tempo proveniente do movimento aproximativo derivado dos compartilhamentos, trocas e empréstimos entre ritmos e momentos existencializados cotidianamente com justaposição de questionamentos, diluições de hierarquias e normativas pré-existentes. Tal aspecto torna-se mais eminente quando se observa aquilo que, a partir de DaMatta (1983), pode-se definir como contextualização de cotidianidades no *cerimonial celebrativo*, já que, conforme o autor, o fazer festivo se produz pela seleção, interação, elevação e diferenciação de aspectos e elementos triviais e banais da vida cotidiana.

Segundo Raffestin (2003), reside no cotidiano o movimento de “sujeitos vivos” que constroem uma íntima relação entre linguagem e território mobilizadora de códigos num *idioma do sagrado* que pode ser expresso pelo fazer festivo cujo espaço-tempo festivo, como um campo propício à intermediação do encontro entre visitante e visitado, em interface aos complexos relacionais. Nessa perspectiva, o *cerimonial celebrativo* se circunscreve pela contextualização de cotidianidades do local da festa, cujos aspectos e elementos selecionados e

postos em relevo pelos fazedores da festa, configuram a *Elevação-Consagração* de algo ou alguma coisa que, da mesma forma para Claval (2011), ao ser destacado e exaltado revela o espaço-tempo transpor-transitório dos participantes em “durações inabituais” com intensidade no acontecer da festa e extensão-ressonância no ínterim “entre festas”. Assim, como indica o autor, a festa exprime uma dimensão de instância social que na efemeridade do acontecimento é capaz de evocar e devolver “aos grupos que a organizam e a vivem, um sentido de pertencimento compartilhado, aproximando-se seu passado, solidificando-os” (Claval, 2011, p. 30).

Na Amazônia Brasileira, a mistura pela participação no tempo-espaço festivo tem como elemento emblemático um tema fundamental na vida cotidiana das populações do norte brasileiro: a religião ou o religioso ¹(Ferreti, 2007). De acordo com Ferreti (2007), ao analisar as festas dos Terreiros de Tambor de Mina designadas como “festas populares”, verifica-se que o festejar no interior do espaço-tempo de festa, ultrapassa a mera “brincadeira” e expande à obrigação e dever religiosos. Esses aspectos das festas na Amazônia brasileira também são verificados em Figueiredo (2009), ao analisar o fazer festivo dos grupos indígenas *Bare* em que elementos do cotidiano que traduzem “divertimento” e “entretenimento” revelam dimensões de momentos coletivos de agenciamento entre relacionamentos humanos e não-humanos com coisas, objetos, seres e divindades.

3. METODOLOGIA

Os dados e elementos apresentados compõem parte dos resultados de projetos e grupos de pesquisa, desenvolvidos institucionalmente na Universidade Federal, nos últimos seis anos, tendo suas metodologias de levantamento, tratamento, sistematização e análise dos dados centralizadas nas abordagens da pesquisa qualitativa. Conforme Minayo (2002), Vosgerau e Romanowski (2014), os pressupostos da pesquisa qualitativa delineados por técnicas de coleta, sistematização e análises de dados que trabalham com experiência, vivência e ação como prerrogativa de compreender mais a vida mental e tendo como objetivo uma amostra não estatística-numérica procuram produzir novas e aprofundadas informações e entendimentos sobre o objeto social, a partir de processos do trabalho científico com: o levantamento de dados,

¹ A esse respeito ver também Figueiredo (2009) e Canal e Goés (2017).

o trabalho de campo, análise e compreensão dos dados. Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa se diferencia, também, na abordagem e análise documental sendo usada como “o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados, buscando-se interpretações novas ou complementares” (p. 24). Segundo os autores, a pesquisa qualitativa não centraliza dados numéricos-quantitativos, mas não os exclui, além de o tratamento e sistematização dos dados qualitativos poderem ser organizados e apresentados em quadros e gráficos.

Os materiais e procedimentos tiveram como recorte empírico duas festas da Amazônia Oriental brasileira: a festa do Sairé, no Oeste paraense, e a festa da Marujada, no Nordeste paraense, tendo as áreas espaciais dimensionadas, respectivamente, pela Vila de Alter do Chão de Santarém e o núcleo central da cidade de Tracuateua. A seleção dessas duas festas ao desenvolvimento da pesquisa reside no aspecto de que tanto o Sairé quanto a Marujada correspondem a atrativos turísticos indexados ao calendário turístico do Pará (Pará, 2011, FAPESPA, 2016), sendo festas originárias da religiosidade constituída no período colonial em municípios de duas porções territoriais paraenses, onde se delimitam dois importantes polos turísticos do estado.

Quadro 01: Aspectos das festas selecionadas como recorte à pesquisa

<i>Festa</i>	<i>Do Sairé</i>	<i>Da Marujada</i>
RELIGIOSIDADE	Aspectos do Culto ao Divino: condução por mordomos, alimentação coletiva etc., Ladainhas do Catolicismo e devoção ao Sairé, danças e condução do semicírculo do Sairé (origem indígena-Missões).	Aspectos do Culto ao Divino: condução por mordomos (Marujos), alimentação coletiva etc., Ladainhas do Catolicismo e devoção a São Benedito (origem escravos africanos -colônia).
TERRITÓRIO	Vila de Alter do Chão – Município de Santarém, Oeste do Pará, Amazônia brasileira. Ocorrência: cerca de 300 anos. Período e locais: Anualmente – meados de setembro. Praça da Matriz, Igreja da Matriz, Lago Verde, Praia do Cajueiro, Praça do Sairé: Barracão e Lago dos Botos. Fluxo de visitantes e turistas: mais de 100mil.	Município de Bragança, Área Central da Cidade de Tracuateua, Nordeste do Pará, Amazônia brasileira. Ocorrência: mais de 200 anos. Período e locais: Anualmente – em dezembro e janeiro. Praça da Matriz, Igreja da Matriz, Margens do Rio Caeté, Barracão da Marujada. Fluxo de visitantes e turistas: mais de 100mil.
TURISMO	Polo Tapajós - 27% da economia no setor de serviços: comércio e atividade turística. O Sairé como atrativo e a Festa do Sairé como produto. Fluxos de Turistas superior a 200 mil - 18% dos fluxos paraenses. Mapa turístico do estado: Santarém – Categoria B - fluxos nacionais e internacionais, com destaque para Vila de Alter do Chão que recebe expressivo fluxo de Cruzeiros (19.206 entre 2013-2016).	Polo Amazônia Atlântica – 27% da economia no setor de serviços: comércio e atividade turística. A Marujada como atrativo e a Festa da Marujada de Bragança como Produto. Fluxos de Turistas superior a 80 mil - 7,2% dos fluxos paraenses. Mapa turístico do estado: Bragança – Categoria C – fluxos nacionais e internacionais; Tracuateua – Categoria D – fluxos Regionais.

Fonte: Elaborado a partir de trabalhos de campo realizados entre janeiro de 2014 e outubro de 2018, de dados extraídos de PARÁ (2011), FAPESPA (2016), Brasil (2017), SETUR (2019).

Nesse sentido, o recorte da pesquisa delimitou uma expressão da Amazônia brasileira a partir da dimensão territorial paraense de oeste a leste (Quadro 01), tendo duas festas com expressões de religiosidade, território e turismo similares, mas singulares no fazer festivo, sendo uma articulada a contextos coloniais indígenas e outra a contextos coloniais africanos. O procedimento metodológico se configurou por um amplo levantamento bibliográfico e documental e atividades de campo. Na realização do levantamento bibliográfico e documental, além de revisões de referenciais teóricos e documentos sobre as festas (históricos, planos turísticos e notas, portarias, entre outros documentos das Secretarias de Turismo/PA e de Cultura/PA), foi necessário acompanhar dados secundários em *sites* e redes sociais sobre a festa do Sairé e a festa da Marujada entre agosto de 2019 e agosto de 2021, bem como, monitoramento da COVID-19 em sites governamentais entre março de 2020 e agosto de 2021.

A realização dos trabalhos de campo deu-se em duas fases: a 1ª fase foi realizada entre janeiro de 2014 e dezembro de 2019, com observação dirigida nas áreas das festas fazendo uso de roteiro descritivo de notas levando em consideração o modelo de estruturas territoriais de Raffestin (2009), assim como roteiro de entrevista semiestruturado a partir do que propõe Minayo (2002) e usado com 8 integrantes do fazer festivo do Sairé e 5 integrantes do fazer festivo da Marujada de Tracuateua, selecionada no panorama da Marujada bragantina pela sua idiossincrasia de devoção a dois Santos Católicos. Além disso, entre junho e agosto de 2021 foram realizadas duas entrevistas abertas com participantes das festas, por meio eletrônico-virtual, sobre a realidade das festas no contexto pandêmico.

A 2ª fase foi realizada entre novembro e dezembro de 2020, com entrevistas estruturadas sobre o contexto da COVID-19 no estado do Pará, e aplicadas de maneira virtual pelos pesquisadores membros (dos quais fazemos parte) da Rede/Grupo de Pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia (USP/UFPA - CNPQ)² a representantes de órgãos governamentais e civis, de associações e instituições vinculadas à atividade turística como: Secretaria de Estado de Turismo (SETUR), Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL), Sindicato dos Guias de Turismo (SINGTUR), Associação Brasileira de Assessores e Cerimonialistas (ABRACS), Associação Brasileira dos Agentes de Viagem (ABAV), Associação Brasileira

² O Grupo de Pesquisa, criado em 2020, conta com 100 pesquisadores, vinculados a cerca de 30 instituições de ensino superior de cinco países: Brasil, Argentina, Moçambique, Portugal e França, com ênfase na abordagem multi e trans-escalar, a partir de estudos de caso nas localidades mensurando os impactos causados pela pandemia da COVID-19.

de Indústria de Hotéis do Pará (ABIH), Conselho Empresarial de Turismo e Hospitalidade da FECOMERCIO.

4. DOS FAZERES FESTIVOS E RELIGIOSIDADE NA MARUJADA E NO SAIRÉ

Conforme inferiu-se de Corrêa e Alencar (2014), a Marujada Bragantina³, também referida como Festividade de São Benedito, caracteriza-se como uma festa de cunho cultural-religioso cujos fazeres são conduzidos por Capitão e Capitoa, e Marujos e Marujas. Esta festa de origem colonial tem sua idiossincrasia na religiosidade imersa na africanidade paraense da reza em forma de dança circular e hierarquizada do início ao fim como expressão de gratidão aos antepassados. A dimensão dessa festa no nordeste paraense remete ao fazer festivo *Esmolação do Santo*⁴, realizado a partir da cidade de Bragança, local da principal festa da Marujada realizada em dezembro de cada ano. Esse fazer festivo faz circular a devoção a Benedito e sua Marujada ao longo do percurso realizado por três zonas bragantinas: *Colônias, Campos e Praia*. A Marujada de Tracuateua, segunda maior festa da Marujada bragantina, emerge desse fazer festivo. Em 1946, a partir da impossibilidade de realização da esmolação na cidade de Tracuateua, o líder local reuniu a formação de 10 pares de marujos locais para substituírem os de Bragança.

Nesse mesmo ano, em Tracuateua, decidiu-se fundar uma irmandade inspirada na bragantina fazendo devoção ao Santo da Marujada Bragantina: São Benedito, e ao santo padroeiro da cidade de Tracuateua: São Sebastião, o que a diferencia da Marujada da cidade de Bragança, assim como, seu tempo festivo delimitado anualmente entre os dias 18 a 21 de janeiro⁵. Em torno desses dois Santos católicos, se instanciou a festividade da Marujada de Tracuateua com celebrações e cerimoniais que reúnem momentos de reza e dança realizadas em forma de cortejo nas ruas da cidade e na praça matriz; de missa na igreja central e encontros devotivos no Barracão da Marujada. Dessa maneira, sistematiza-se os fazeres festivos da Marujada de Tracuateua quatro cerimoniais-celebrativos: *Dos Mastros dos Santos; Cortejo dos*

³ O ápice festivo se faz no mês de dezembro na cidade de Bragança, que é a cidade sede da Microrregião bragantina no nordeste paraense, daí designarmos o movimento de seu fazer festivo como Marujada Bragantina. Esta cidade que recebe fluxos turísticos regionais (PARÁ, 2011).

⁴ De quantidade numérica variável e irrestrita. visitam as casas dos devotos das comunidades e pequenos vilarejos em cada região, levando imagens de São Benedito consigo, fazem o caminho a pé, a cavalo ou barco dependendo da localidade, cantando e tocando folias de santo.

⁵ Informações extraídas de notas e relatos derivados dos trabalhos de campo realizados em Tracuateua em agosto de 2018.

Juízes; Danças, Rezas e Refeições; e Préstito da Varrição, os quais são brevemente apresentados no Quadro 02.

Quadro 2: Os cerimoniais-celebrativos da/na Festividade da Marujada de Tracuateua

DOS CONDUTORES E FAZEDORES DA FESTA	
<p><i>Presidente</i> – programa o evento e organiza a prestação de serviços; <i>Juízes</i> – organizadores do financiamento e patrocínio; <i>Marujos e Marujas</i> – responsáveis pelas danças da marujada; <i>Capitão e Vice Capitão</i> – ordenam os marujos, a dança e suas vestimentas; <i>Capitão e Vice Capitão</i> – ordenam as marujas, a dança e suas vestimentas; <i>Cabeça de linha e Vice Cabeça de Linha</i> – <i>Marujas</i> responsáveis por encabeçar as filas das danças <i>Padre</i> – reza as missas para os Santos.</p>	
DOS CERIMONIAIS/CELEBRATIVOS	
DOS MASTROS DOS SANTOS – dia do preparativo	
Peregrinação preparativa dos Mastros sem cortejo e reza – realizada pelas ruas partindo da casa dos Juízes da festa até a Praça da Matriz - No dia anterior ao início da festa para elevação dos Mastros. Preparativos e arrumação da festa.	Conclui os preparativos da festa – na semana que antecede a festa, a Secretaria de Cultura arruma as ruas e praça; o barracão é enfeitado pelos juízes e os mastros dos santos são enfeitados pelos juízes com ramos, frutos e bandeiras dos santos.
CORTEJO DOS JUÍZES – primeiro e segundo dias	
Procissão em cortejo com reza e dança - realizada pelos Marujos e Marujas nas ruas até a casa dos Juízes, e de lá até a Missa na Igreja da Matriz localizada ao lado do Barracão e à frente da Praça da Matriz no centro da cidade.	O 1º dia homenageia S. Benedito, sendo o Cortejo e a Missa realizados na cor vermelha. O 2º dia homenageia S. Sebastião, sendo o Cortejo e a Missa realizados com a cor azul. As cores são seguidas nas vestimentas dos condutores e fazedores dos cortejos.
DANÇAS, REZAS E REFEIÇÕES – em todos os dias	
Espaço-tempo das expressões corpóreas e rezas aos santos e compartilhamento de refeições - realizados no Barracão da Marujada, cujo centro é das danças dos Marujos e Marujas, na lateral interna destina-se às refeições e nas laterais externas destinadas às arquibancadas do público.	Distribuição de refeições (com destaque ao almoço) aos Marujos e Marujas oferecidas pelos Juízes e Juízas; efetuação de rezas em agradecimento aos santos e busca de bênçãos e abundância/prosperidade; e prática das danças começando pelas “tradicionalistas”: a valsa, o mazurca, o retumbão, o xote, o carimbó, o chorado, e depois outras quaisquer.
PRÉSTITO DA VARRIÇÃO – último dia	
Comitiva de préstito e encerramento da festa – danças realizadas na Praça da Matriz com a finalização do tempo festivo. Com indumentárias dos <i>fazedores</i> e os elementos dos dois santos.	Danças para a derruba dos mastros e <i>varrição</i> (espécie de “limpeza” do local da festa com permissão dos condutores e fazedores usarem as cores de qualquer um dos santos.

Fonte: Elaborado a partir de informações constatadas em trabalho de campo realizado em Tracuateua em outubro de 2018.

Os cerimoniais celebrativos constitutivos do fazer festivo da Marujada de Tracuateua vinculam-se à organização da condução e participação do ato de festejar mais propriamente dito, ou seja, onde o acontecer da festividade se efetiva em plenitude, que deve permitir o encontro, o compartilhamento e a participação, como ressaltam os seguintes trechos de relatos: “Ah, eu acho muito bonito, eu gosto muito de ser maruja, muito mesmo...” (entrevista de condutor A realizada em outubro de 2018) e “eles rezam um terço, depois rezam a ladainha, depois dessa ladainha eles cantam o bendito, o bendito na linguagem cabocla mesmo deles” (entrevista de participante B realizado em outubro de 2018). O encontro torna-se evidente no fazer festivo, realizado no último dia festivo, quando os condutores e fazedores permitem que

qualquer participante possa se envolver com a Marujada e efetuar as danças desde que se homem esteja de calça comprida e se mulher de saia longa.

Figura 1: Reza e Dança nos Barracões Festivos da Marujada e do Sairé



Perspectiva do interior do Barracão da Marujada com os Marujos e Marujas vestidos na cor vermelha dançando para São Benedito em janeiro de 2018. Na parte superior da imagem observa-se a pendente com o estandarte de São Sebastião e São Benedito.

Foto A: Correa (2018) gentilmente cedido de seu arquivo pessoal



Perspectiva da entrada do Barracão do Sairé durante a Elevação dos Mastros em 2012. Ao centro da imagem destaque-se o elemento Semicírculo Sairé sobre as pernas da Saraipora e à direita, no canto inferior da imagem, a Coroa do Divino coberta por fitas coloridas no colo da Juíza.

Foto B: Canal, 2012.

A Figura 1 apresenta aspectos dos elementos, condutores e fazedores, local e fazeres das festividades da Marujada: “dança a marujada” (foto A) e do Sairé: apresentação do semicírculo Sairé na abertura da festa (foto B). Cabe enfatizar que o Semicírculo Sairé é um elemento que remete ao período colonial, quando grupos indígenas do oeste do Pará dançavam ao seu redor, momento em que sua estrutura era composta pela sobreposição de três semicírculos (Pereira, 1989). No contexto temporal da foto B, a estrutura do semicírculo remota ao final do século XIX, quando sua estrutura já incorporava três cruzes, sendo usado pelos grupos amazônicos, incluindo os remanescentes da etnia Borari, em Alter do Chão, nas festas de santos católicos com o Sairé – as festas com o Sairé que vão acontecer na Amazônia brasileira até 1943 (Canal & Goés, 2017).

Em Alter do Chão, a tentativa de incorporação do Sairé ao rigor e controle doutrinário da Igreja Católica culminou com seu recolhimento por lideranças indígenas locais, em 1943 somente sendo retomado em 1973, com seu recrudescimento elaborado a partir de informações da memória dos “mais velhos”, de Alter do Chão e áreas adjacentes. Esse recrudescimento após 30 anos, engendrou a existencialização da “Festa do Sairé” com aspectos e periodização próprios: não tendo nenhuma correlação com santo católico e

realizada em setembro, na Praça do Sairé. Doravante, são identificados quatro cerimoniais-celebrativos que envolvem reza e dança envoltos às celebrações ao Espírito Santo como: Ladainhas, Folias e Procissões e elaboração e execução dos fazeres envoltos às expressões das *Danças* com centralidade na *Disputa dos Botos*. De maneira geral, sistematiza-se os quatro grandes cerimoniais celebrativos em: *Busca dos MASTROS*; *Exaltação dos MASTROS*; *Devoções ao Espírito Santo*; *Danças e Dramatizações* que tem alguns de seus aspectos apresentados Quadro 3.

Quadro 3: Os cerimoniais - celebrativos da Festividade do Sairé de Alter do Chão

DOS CONDUTORES E FAZEDORES DA FESTA	
<p style="text-align: center;"><i>Das Ladainhas</i></p> <p><i>Capitão</i> - autoriza início das procissões e fazeres no Barracão; <i>Saraipora</i> - enfeita e carrega o Semicírculo Sairé; <i>Moças da Fita</i> (duas) - auxiliam a Saraipora na condução do Semicírculo; <i>Juiz e Juíza</i> - organiza e dirige os procedimentos e cerimônias; <i>Procurador e Procuradora</i> - auxiliam e substituem o Juiz e a Juíza da festa; <i>Troneira</i> - prepara o trono (cadeira/ assento) da Coroa do Divino Espírito Santo; <i>Alferes</i>(dois) - conduzem as bandeiras do Divino Espírito Santo; <i>Mordomos e Mordomas</i> (nove de cada) – executam as ordens do Juiz e da Juíza (respectivamente) para ornamentação e cerimônias das procissões e no Barracão; <i>Foliões / Rufadores</i> (oito) - tocam caixas, tambores e tamborim e executam as folias; <i>Dispenseira</i> - cuida da distribuição de alimentos aos fazedores da festa; <i>Apresentador Oficial</i> - enuncia todos os atos sendo realizados.</p>	<p style="text-align: center;"><i>Dos Botos</i></p> <p><i>Cantador</i> – efetiva e acompanha as canções; <i>Chefe das Danças</i> - prepara e organiza a distribuição e exibição das expressões das danças; <i>Boto Animal Evolução</i> - encena os movimentos de nado, mergulho e saltos do animal na natureza; <i>Boto Homem Encantador</i> - encena a dança da transformação exibindo sua sedução e encanto; <i>Curandeiro</i> - exprime movimentos que encenam rituais de cura, de passagem etc.; <i>Rainha do Sairé</i> - realiza movimentos corporais que evocam as procissões e ladainhas do Sairé; <i>Cabocla Borari</i> - apresenta movimento corporal com gestos morosos de sedução e encanto; <i>Rainha do Artesanato</i> - dança com elementos da composição cultural e artesanal local; <i>Rainha do Lago Verde</i> - exhibe movimentos e bailado como os das águas do Lago Verde; <i>Dançarinos</i> – apresentam danças elaboradas pelos grupos artísticos e folclóricos locais; <i>Do Carimbó</i> – exibem performances corporais e musicais próprias do carimbó; <i>Apresentador Oficial</i> - narra ao público etapas do enredo apresentado na exibição de cada Boto.</p>
DOS CERIMONIAIS/CELEBRATIVOS	
BUSCA DOS MASTROS – o começo de tudo	
<p>Procissão Fluvial com traslado pelo Lago Verde do cais em frente à Praça da Matriz em direção à área de mata em torno da enseada do Porto Grande com retorno à praia da Gurita. Com o Semicírculo e a Coroa ornamentados e todos os fazedores <i>Das Ladainhas</i> no dia anterior ao princípio festivo.</p>	<p>O dia da consagração e devoção à extração, coleta e transporte de dois caules/troncos selecionados na mata adjacente à enseada para conformarem os MASTROS: do Juiz e da Juíza da Festa. Consolidação da arrumação da festa com os fazedores ornamentando o Barracão e Lago dos Botos.</p>
DA EXALTAÇÃO DOS MASTROS – o princípio, o meio e fim	
<p>Procissão com rezas e cantos pelas ruas num trajeto Praça do Sairé-Praia da Gurita-Praça do Sairé para elevação dos MASTROS; Cortejos devotivos em torno dos MASTROS elevados na Praça do Sairé; e Cortejos dançantes da <i>Varrição</i> à derruba dos MASTROS. Com o Semicírculo e a Coroa ornamentados e todos os <i>fazedores Das Ladainhas</i> com suas indumentárias.</p>	<p>O início e o fim do tempo festivo com exaltação ao Divino Espírito Santo, gratidão e desejo pela fartura/abastança de alimentos. Traslado dos MASTROS à disputa pela ornamentação e elevação (no início) e desfazer dos mastros e derruba (no final) com cantorias de folias em derredor dos MASTROS em todas as noites de festa. A ornamentação é feita por todos com frutos, folhas e as Bandeiras do Espírito Santo.</p>

CONSAGRAÇÕES AO DIVINO – dos dias de festa	
Movimento interno ao Barracão do Sairé e desse à área externa em frente ao mesmo, onde são elevados os Mastros com destaque às expressões corpóreas hierarquizadas dos fazedores <i>Das Ladainhas</i> . Com o Semicírculo e a Coroa ornamentados e todos os <i>fazedores Das Ladainhas</i> com suas indumentárias.	Espaço das ladainhas e folias realizadas antes e depois de procissões com destaque ao <i>Beija Fitas</i> (das Coroa do Divino), ao <i>Compartilhamento de Refeições</i> entre os condutores e fazedores (com destaque ao almoço) e aos Cortejos em direção e ao redor dos Mastros, tudo feito em agradecimento e busca da presença e benção do Espírito Santo.
DAS DANÇAS E DRAMATIZAÇÕES – do princípio do fim	
Movimento interno ao Lago dos Botos e à área dos Mastros nas adjacências do Barracão do Sairé. Com destaque à <i>Disputa dos Botos</i> (narrativas dramatizadas do Mito do Boto realizadas entre os grupos culturais: <i>Boto Tucuxi e Boto Cor de Rosa</i>) com indumentárias e elementos componentes das apresentações e a <i>Varrição</i> (cortejos bailados e danças durante a derruba dos Mastros) com algumas indumentárias, elementos das folias e o Semicírculo Sairé.	Espaço das expressões estético-corpóreas com movimentos e ritmos dos participantes em geral e dos <i>fazedores dos Botos</i> e dos <i>fazedores das Ladainhas</i> em especial dos <i>foliões</i> . Movimentos, práticas corporais e narrativas dramatizadas que visam encender a criatividade passível de integrar a natureza interior ao homem com a que lhe é exterior para exaltar celebrar o belo e a proximidade coletiva que os ligam a universos incorpóreos. E os movimentos dançantes da <i>Varrição – a limpeza do espaço</i> e final do tempo da festa.

Fonte: Notas descritivas e informações constatadas em relatos derivados de trabalhos de campo realizados em janeiro de 2014 e acompanhamento sobre a Festa do Sairé nas redes sociais entre agosto de 2019 e agosto de 2021.

Nesses cerimoniais celebrativos, a festividade acontece, conforme os participantes da festa entrevistados, desde seu preparativo como: na arrumação do Barracão até a *Varrição*, o que é ressaltado também quando da reinserção do Sairé efetivamente às práticas festivas de Alter do Chão, evidenciado no seguinte trecho: “não tinha nada... a ideia começou com o falecido... [...] daí todo mundo se envolveu e fizemos tudo... as rezas, as danças, mas tudo é nosso, fazemos para o Sairé e o Espírito Santo” (Entrevista de participante HB realizada em janeiro de 2014).

Como é possível notar no Quadro 3, a centralidade espacial dos fazeres festivos do Sairé se dá na Praça do Sairé, cujo uso e apropriação denotam o agir pelas práticas festivas. Essa praça foi construída em 1997, subdividida por uma rua que a atravessa ao meio e a partir do que se é construído e desconstruído a cada ano, especialmente pela ocasião da Festa do Sairé, as estruturas do Barracão do Sairé e Lago dos Botos, em torno dos quais são efetuados os quatro cerimoniais celebrativos da festa. O Barracão tem formas e contornos abertos e de acesso livre, controlado pelos fazedores *Das Ladainhas*, o Lago dos Botos tem formato de arena com contornos vedados por um tapume de madeira, e de acesso majoritariamente restrito⁶ controlado pelos fazedores *Dos Botos*.

⁶ O acesso à área do Lago dos Botos é definido pela aquisição de ingressos.

5. O TURISMO E O FESTEJAR AMAZÔNICO NA PANDEMIA DE COVID-19

Entre o início e o atual momento geoepidemiológico da COVID-19, no Pará, foram registrados 576.949 casos e 16.224 mortes (dados de 12 de agosto de 2021), sendo 19.504 casos e 946 mortes no município de Santarém onde se localiza a Vila de Alter do Chão, local da festa do Sairé, e 4.939 casos e 191 mortes nos municípios de Bragança e Tracuateua, onde acontecem festas da Marujada. No ínterim de abril de 2020 e agosto de 2021, mais de uma dezena de decretos estaduais e municipais foram publicados. O primeiro decreto de quarentena, com a suspensão de atividades não essenciais e de circulação viária, é regulamentado pelo Dec. Nº. 609, de 16 de abril de 2020, que propunha os protocolos de controle como distanciamento social, uso obrigatório de máscaras, restrições sobre uso de espaços públicos e comuns etc. No final de abril de 2020, o governo do Pará, instituiu o primeiro confinamento no estado, através do Decreto Nº. 729 de 05 de maio, após o colapso do sistema de saúde de Belém, no 1º Centro Regional de Saúde em Belém (Fiocruz, 2020, NMT, 2020). No bojo desse quadro, outro local considerado epicentro da COVID-19 era a cidade de Santarém, por ser local de grande fluxo turístico nacional e internacional, do Polo Turístico Tapajós (Fapespa, 2016), tendo o primeiro registro de óbito por COVID-19 no Pará com a morte de uma anciã (indígena não aldeada da etnia Borari) da vila de Alter do Chão vinculada à memória e fazeres do Sairé (Pará, 2011, Agência Pará, 2020).

Logo, no intervalo de março de 2020 a agosto de 2021, as festividades e eventos culturais foram cancelados, o que ficou mais emblemático nas festas de médio e grande portes, indexadas pelo calendário turístico paraense como: Pré-carnaval e o Carnaval (proibido em 2021); Quadra Junina (proibido em 2020 e 2021); Círio de Nazaré de Belém (proibido em 2020 e 2021); Sairé (proibido em 2020 e 2021); e a Marujada (proibido em 2021). Esses cancelamentos foram evidenciados por todos os entrevistados, como: agentes, organizações e instituições turísticas do Pará, como ressaltado no seguinte trecho “nós fomos obrigados suspender os eventos de grande porte, o turismo é muito motivado por esses eventos (*cultural, religioso e empresarial*) [...] então, a suspensão de eventos tem causado um impacto importante na demanda turística do estado” (entrevista do representante da SETUR, realizada em novembro de 2020 - *grifos nossos*). Em relação às festas do Sairé e da Marujada, sistematizamos, brevemente no Quadro 4, o contexto das restrições derivadas da geoepidemiologia da infecção da doença COVID-19 entre 2020 e 2021.

Quadro 4: As restrições na festa do Sairé e da Marujada no cenário pandêmico de 2020-2021

FESTA DA MARUJADA	FESTA DO SAIRÉ
Período: 18/01/2019 até 21/01/2019 Tipo do Fluxo Turístico: Regional / Evento Religioso-Cultural	Período: meados do mês de setembro Tipo do Fluxo Turístico: Regional-Nacional-Internacional / Evento Cultural-Religioso
DECRETOS	DECRETOS
Reedição do Decreto Estadual 800/2020 publicado em 30 de janeiro de 2021 regulou restrições (isolamento) no Oeste do Pará. Decreto N° 029/2021, de 12 de janeiro de 2021 que declarou emergência, no âmbito hospitalar do Município de Tracuateua quando o número de óbitos estava em 18.	Decreto Municipal n° 137/2020- GAP/PMS de 19 abril de 2020 - declaração de calamidade pública. Reedição do Decreto Estadual 800/2020 publicado em 30 de janeiro de 2021. Decreto Lei Municipal 21.198 de 01 de março de 2021 que normatizou o poder de polícia municipal no controle da pandemia.
ANO 2020	ANO 2020
Sem restrições – em <i>Tracuateua</i> (Sem quadro epidemiológico em janeiro). Realizada no todo festivo. Com restrições - em <i>Bragança</i> (quadro epidemiológico em dezembro). Realizada com missas na Catedral de Nossa Senhora do Rosário e missa, rezas, novenas, ladainhas e esmolação com participação dos Marujos com suas roupas azul e branco no Complexo Poliesportivo Municipal. Esmolação pelo município foi suspensa. Encerramento com carreta pelos percursos tradicionais das procissões. Sem realização das danças da Marujada. Média de Público – visitantes: 80 mil pessoas (Bragança) e 15 mil (Tracuateua) apenas para a população local.	Com restrições – em <i>Alter do Chão</i> (quadro epidemiológico em setembro). Uso dos barracões de ensaio dos Botos. Realização com cumprimento dos protocolos sanitários de prevenção à Covid-19. Celebração Simbólica com missa, Procissão até a Orla com Saraipora, Juíz, Juíza e Capitão e os símbolos materiais do Sairé, procissão fluvial e carreatas pelas ruas da vila e visitação no Lago dos Botos (80 pessoas por hora). Transmissão virtual. Sem Festival dos Botos. Média de Público – visitantes: de 120 mil pessoas em 2019 para apenas os organizadores e condutores dos ritos e moradores locais em 2020.
ANO 2021	ANO 2021
Decreto Municipal N° 029/2021, de 12 de janeiro de 2021 que declarou situação de emergência, no âmbito hospitalar do Município de Tracuateua – 18 mortos. Com restrições – em <i>Tracuateua</i> (quadro epidemiológico em janeiro). De forma presencial – missa, levantamento e derruba dos mastros. De forma virtual – <i>live</i> “Auto dos dois santos”. Sem previsão - em <i>Bragança</i> (não há Calendário de Programação disponibilizado) (quadro epidemiológico de dezembro em perspectiva).	Com restrições – em <i>Alter do Chão</i> (quadro epidemiológico em setembro) Diminuição do período da Festa apenas dois dias no final do mês de setembro. Realização com controle sanitário (uso obrigatório de máscara) – ritos no Barracão/Lago dos Botos com ladainhas e rezas (procissões do Mastros, abertura com café da manhã). Pequeno Show Cultural: Grupo Espanta Cão e com o Mestre Chico Malta. Sem Festival dos Botos. Média de Público: Sem dado oficial localizado.

Fonte: Relatos verbais de entrevistas realizadas virtualmente entre jun. e ago. de 2021, Informação verbal de entrevista realizadas pelo Grupo de Pesquisa Turismo e Pandemia (CNPQ) com agentes, organizações e instituições turísticas do Pará entre nov. e dez. de 2020, Agência Pará (2020, 2021), Comitê de Crise (2021), G1 Pará (2020), PARÁ (2020,2021), SESPA (2020, 2021), SETUR (2019), Tracuateua (2021) e UFPA (2020).

Conforme é possível detectar no Quadro 4, o “cancelamento” da Marujada e do Sairé, como eventos turísticos, não engendrou o cancelamento de seus fazeres festivos, pois, apesar de oficialmente essas festas terem sido proibidas por decretos estaduais e municipais como medidas de proteção e controle coercitivo na tentativa de impedir a efetivação de suas celebrações, na prática, o que aconteceu foram restrições aos fazeres festivos com modificações

e adaptações de algumas cerimoniais celebrativos. Mesmo porque, uma das medidas de contenção dos recuos das atividades turísticas era incentivar o turismo interno, portanto, a manutenção de alguns fazeres festivos colaboravam à atratividade dos fluxos internos⁷. A mobilidade de fluxos de demandas internas corroborou ao agravamento do já complexo quadro epidemiológico no estado do Pará e ao controle das normas e medidas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), principalmente, quando observado a base econômica da população dos locais receptores que, em grande medida, apresentam níveis de renda baixas, portanto, com dificuldade de manter o quadro sanitário e a salubridade do ambiente (Nmt, 2020, Sespa, 2021a) fundamentalmente os Equipamentos de Proteção Individual (EPI's).

Assim, a retomada de ações voltadas ao turismo interno no Pará foi incentivada ainda no segundo semestre de 2020, apesar da geo-epidemiologia da infecção da doença COVID-19 continuasse com elevados índices de contágio, casos, ocupação de leitos e mortes (Pará, 2020, 2021, Sespa, 2020, 2021a 2021b) e possibilitou um algum incremento no setor de lazer e entretenimento deslocando as demandas de grupos sociais que tinham recurso financeiro e não poderiam buscar destinos fora do estado e ou do país para locais receptores de curto deslocamento. Esse incremento se deu em algumas áreas do Pará como aquela onde a Festa da Marujada como identificado em trecho de entrevista: “tá tendo uma grande oportunidade do turismo Rural. Acredito que nesse final de semana, o festival gastronômico do Caeté, em Bragança, já estou vendo bastante movimentação de pessoas dizendo, comentando que irão” (entrevista do representante da CETH/FECOMERCIO, realizada em novembro 2020), bem como, no local da Festa do Sairé como ressaltado pelo seguinte trecho: “nós tivemos o incremento do Turismo doméstico no Pará. Eu tava conversando com o pessoal de Santarém [...] mesmo não tendo a festa do Sairé, eles tiveram segundo semestre de altíssima ocupação na rede hoteleira e por meio dos passeios” (entrevista do representante da SINGTUR, realizada em novembro 2020).

A perspectiva de incremento da atividade turística no âmbito das festas de final de ano e férias contradiziam com as oscilações geoepidemiológicas da doença durante todo o ano de 2020 e, posteriormente, com agravamento nos três primeiros meses do ano de 2021 com a difusão da variante P1 do Amazonas, o que colocou sobre alerta os órgãos gestores e sanitárias de todo o estado do Pará, especialmente, aqueles do oeste do Pará com a cidade de Santarém se tornando epicentro no estado. Nesse sentido, apesar de todos os decretos e medidas estaduais e

⁷ Conforme relatado pelos representantes entrevistados da SETUR, ABRASEL, ABRACS, ABAV, SINGTUR e CETH/FECOMERCIO.

municipais seguindo as orientações da OMS de controle populacional como tentativa de refrear o avanço e difusão da infecção no estado, e a estabilidade epidemiológica na Amazônia Oriental, o “cancelamento” das festas e eventos de médio e grande porte não restringiam a circulação espacial, posto que, a demanda por viagens foi direcionada ao turismo interno. De tal modo, a adaptação do fazer festivo da Marujada e do Sairé corrobora com a busca dos fluxos internos aos locais onde foram realizados apenas os cerimoniais celebrativos de “média intensidade” como as rezas, procissões e algum show cultural. Nesse caso, verificou-se a mudança de locais de realização, com privilégio àqueles ambientes de maior porte como quadras, galpões e ginásios, também, diminuição do calendário e do tempo da realização desses fazeres festivos.

Essas adaptações constituíam-se em mecanismos de atendimento dos protocolos de combate a essa doença e normatizados pela vigilância sanitária e decretos estaduais, apesar das dificuldades de acesso a crédito que permitisse viabilizar aquisição de equipamentos de controle e combate ao Covid-19⁸, em especial, os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) o que ficou aparente nos relatos, tanto dos representantes de órgãos, instituições e associações turísticas, quanto do participante e do condutor⁹ das festas do Sairé e da Marujada, respectivamente. Dessa forma, durante a realização das festas, observou-se através das imagens transmitidas uma tentativa de controle e manutenção das normas sanitárias de biossegurança. Contudo, em vários momentos detecta-se a configuração de ajuntamentos e aglomerações e ainda ausência de uso de máscaras, fatores de impacto à contenção de disseminação viral.

Durante a condução dos fazeres festivos da Marujada em Tracuateua, a busca pela restrição ao acesso e a diminuição de aglomeração incidiu na realização de um número maior de missas, o almoço oferecido pelos Juízes da festa foi realizado no ambiente intrafamiliar de cada um dos condutores e a memória da festividade foi exaltada no interior do barracão onde foi instalado equipamento para transmissão durante as noites de vídeo sobre a festa e dispostas cadeiras com afastamento para que qualquer pessoa pudesse sentar e assisti-lo. Já a condução dos fazeres festivos do Sairé destacou-se no ano de 2020 pelo uso dos galpões de ensaio dos botos onde foram dispostas cadeiras com afastamento para realização de missa e rezas e ladainha, ainda assim, era possível detectar venda de excursões do estado do Amazonas à festa

⁸ Conforme relatado pelos representantes entrevistados da SETUR, ABRASEL, ABRACS, ABAV, SINGTUR e CETH/FECOMERCIO.

⁹ Informações Verbais de entrevista livre com participante da festa de Alter do Chão e organizador da festa Tracuateua realizadas virtualmente entre set. de 2020 e janeiro de 2021.

do Sairé¹⁰. No ano de 2021 o Lago dos Botos foi erguido e os fazeres foram conduzidos ali por permitir um melhor controle dos fluxos com acesso de 80 pessoas por hora para visitar exposição, danças, apresentações dos foliões e do Grupo Espanta Cão e shows de grupos locais, durante os quais eram recolhidos alimentos não perecíveis posteriormente doados aos moradores locais.

As restrições e adaptações nessas festas alteraram os fluxos de pessoas e de recursos econômicos engendrados por esses atrativos/eventos turísticos retraindo a geração de renda dos moradores locais como evidenciado nos relatos do participante e condutor das festas. A realização das festas em sua plenitude se constituía como inviável, já que, boa parte de seus fazedores e condutores estão na faixa etária de 60 anos de idade, fator de impacto na progressão da doença (NMT, 2020). As modificações nos fazeres festivos apareceram nos relatos como essenciais tanto da festa do Sairé de Alter do Chão quanto da festa da Marujada de Tracuateua. A realização da festa expressa a manutenção da devoção ao Espírito Santo, a São Benedito e São Sebastião, que os ligam enquanto grupo social e sua renovação com a fé sintetizada na expressão verbalizada sobre a festa “ter que acontecer”, portanto, a despeito das dificuldades e perdas econômicas com as restrições, foi possível realizar alguns atos que celebraram o fazer festivo (ver Quadro 4), a tradição foi lembrada e o dever da devoção se fez mesmo em momentos de crises com o da Pandemia de COVID-19.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As festas do Sairé e da Marujada, se configuram como produto turístico no oeste e nordeste paraense onde atendem fluxos de demanda internacional, nacional e regional que são responsáveis por parcela da economia de serviço em seus respectivos municípios e polos turísticos. Mas, os fazeres festivos do Sairé e da Marujada se revelam como delimitação do envolvimento de sujeitos locais que detêm o saber sobre os procedimentos da condução dos cerimoniais-celebrativos que dimensionam a religiosidade na festa de devoção e que os definem como informação, energia e mediador de estrutura territorial que revelam dimensões da territorialidade humana importante para o convívio com o conhecimento profundo sobre o lugar da festa na Amazônia brasileira. O destaque dos fluxos internacionais e nacionais no local da festa de Sairé fez surgir prospecções sobre a cidade de Santarém se tornar epicentro da

¹⁰Essas excursões foram divulgadas em várias redes sociais. Uma dessas ofertas pode ser mais facilmente visualiza no endereço <https://www.facebook.com/events/alter-do-chão-beach/festa-do-sairé-2020/610105026438736/>

geoepidemiologia da COVID-19 tão logo iniciou-se a primeira onda pandêmica dessa doença no Pará, em março de 2020, ainda mais quando detectado o primeiro óbito no estado na vila de Alter do Chão. Os quadros epidemiológicos da infecção de COVID-19 iniciados em março de 2020 incorreram sobre a tomada de decisão de instâncias estaduais e municipais com decretos e medidas seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) de controle populacional e sanitário.

Desde então, a realização de festas está proibida, contudo na prática o que ocorre são adaptações dos fazeres festivos com restrições daqueles de maior envergadura de participação e aglomeração e, ainda, efetivação em locais distintos dos regulares como: barracão e ginásios esportivos, além do recurso de transmissões virtuais e *lives*. Logo, constatam-se modificações e impactos no interior das Festas do Sairé assimilados pelo quadro da infecção de COVID-19, em especial, nos locais e períodos dessas festas. Essas modificações engendraram perdas de fluxos turistas em especial de recursos orçamentários e econômicos, sentidas principalmente pelo comércio local com o decréscimo e/ou ausência de transitoriedade de participantes e turistas. A perda econômica e orçamentária parece ter sido muito menos sentida pelos fazedores festivos que revelam a percepção de *uma participação diferente*, mas que aconteceu, que *a festa foi mantida*. Isso incide sobre o que detectamos a partir das entrevistas que revelaram, ao longo dos anos de pesquisa, serem os fazedores das festas que percebem, sentem e enunciam códigos reveladores do dever e obrigação de realização da festa na participação, expressões de suas religiosidades.

REFERÊNCIAS

Almeida, L. S. de., Enoque, A. G., & Oliveira Júnior. (2019). Turismo religioso como fonte e desenvolvimento local; um estudo acerca da produção de espaço urbano a partir da prática turística religiosa. *Marketing e Tourism Review*, 2(4), 1-37.

Agência Pará. (2020). Governo do Estado altera bandeiramento. Extraído de <https://agenciapara.com.br>, acessado entre 19 de abril e 02 de dezembro de 2020.

Agência Pará. (2021). Governo do Estado altera bandeiramento. Extraído de <https://agenciapara.com.br/noticia>, acessado entre 20 de fevereiro e 19 de agosto de 2021.

Aragão, I., & Macedo, J. R. (2011). Turismo religioso, patrimônio e festa: Nosso senhor dos passos na cidade sergipana de São Cristóvão. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, 3(11), 399-414.

Ardigó, C. M., Caetano., & Damo, L. P. (2016). O turismo religioso e o processo de comunicação de Marketing: um estudo do Santuário de Santa Paulina em Nova Trento - SC. *Revista Turismo – Visão e Ação*, 18(2), 353-377.

Bartholo, R., Bursztyn, I., & Sansolo, D (ORGS). (2009) *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Ed. Letra eImagem.

Brasil. (2017) Ministério do Turismo. Recuperado de <http://antigo.turismo.gov.br/assuntos/8149-pará-acrescenta-66-municípios-ao-novo-mapa-do-turismo-brasileiro.html>

Caillois, R. (1988). *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70.

Comarú, I. F. (2015) Dos horrores do inferno na terra: breves notas sobre a construção social de um turismo em conflito com as forças religiosas francesas em um município da Serra Gaúcha. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 3(2), 276-298.

Canal, M. A. F. C., Goes, E. M. (2017). Territorialidade festiva e idioma do sagrado na Amazônia: o Divino na Festa do Sairé de Alter do Chão/Pará. In: Leal, A. C.; Bordalo, C. A. L.; Nunes, J. O. R. (Orgs). *Geografia do Pará em múltiplas perspectivas*. Tupã-SP: ANAP-UNESPPP.

Claval, P. (2011). A festa e a cidade. In: *Revista Cidades, Grupos de Estudos Urbanos*, Presidente Prudente, 13(8), 27-44.

Correa, E. Alencar, E. (2014). *Rito e devoção entre as mulheres marujas de São Benedito, Bragança-PA*. PPGA-UFPA.

Comitê de Crise (2021). Recuperado de <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/08/09/comite-de-crise-reune-para-avaliar-flexibilizacao-de-atividades-em-santarem-com-bandeiramento-verde.ghtml>

DaMatta, R. (1983) *Carnavais, malandros e heróis*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Fapespa - Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará. (2016). Boletim de Turismo do Estado do Pará. Belém: FAPESPA-UFPA.

Ferreti, S. (2007). Religião e Culturas Populares. In: *XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas en América Latina*. Buenos Aires, Argentina de 25 a 28 de setembro de 2007. Recuperado de www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Religião/FestasPopulares.Pdf

Figueiredo, P. R. M. (2009). Desequilibrando o convencional: estética e ritual com os Baré do alto rio Negro. 356f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Fiocruz (2021). Monitora Covid19: casos acumulados. Recuperado de <https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/>

Fiocruz (2020). Monitora Covid-19. Recuperado de <https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). Cidades. Brasília, DF. Recuperado <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/tracuateua/historico>

Godoy, A. S. (1995) Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração*, São Paulo, 35(2), 57-63.

G1 Pará (2020). Recuperada de <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2020/09/10/>

Minayo, M. C. de. (1994). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

NMP-Núcleo de Medicina Tropical. (2020). Laboratório de Epidemiologia, Territorialidade e Sociedade. Geopidemiologia da COVID-19 no Pará: evolução espaço-temporal da 12^a a 22^a semanas epidemiológicas. *Relatório Científico*. Belém-Pa: NMT-UFPA.

Pará. Governo do Estado. (2011). *Plano Ver o Pará: plano estratégico de turismo do estado do Pará*. Belém.

Pará. (2020). Lei nº. 9.051 de 14 de maio de 2020. Agência Pará. Recuperado de <https://agenciapara.com.br/noticia/19537/>

Pará. Secretaria de Estado de Saúde. (2021) Coronavírus no Pará. Recuperado de https://www.covid-19.pa.gov.br/public/dashboard/37ec4bed-dd934184%2087e3c470c5b7ac73?munic_pios=172#theme=night

Pereira, N. M. (1989). *O Sairé e o Marabaixo: tradições da Amazônia*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana.

Raffestin, C. (2003) *Immagini e identità territoriali*. In: DEMATTEIS, G. e FERLAINO, F. *Il mondo e i luoghi: geografie delle identità e del cambiamento*. Torino: IRES.

Raffestin, C. (2009). A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, M.; SPOSITO, E. (ORG.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular.

Riched, G. (2020). Outlook worsens and financial aid is not the only investment governments should make to help travel and tourism. *WYSE COVID-19 Travel Business Impact Monitor*. Recuperado de <https://www.wysetc.org/research-and-education-hub/>

SESPA - Secretaria de Saúde do Pará (2021a) Recuperado de <https://agenciapara.com.br/noticia/29951/>

SESPA - Secretaria de Saúde do Pará. (2021b) Campanha de vacinação contra... Recuperado de <https://agenciapara.com.br/noticia/29951/>

SETUR- Secretaria Estadual de Turismo (2019). Eventos. Extraído de <http://www.setur.pa.gov.br/eventos/festividade-de-sao-sebastiao-e-sao-benedito-marujada> acessado em maio de 2020.

Tavares, A. (2002) *City tour*. São Paulo: Aleph.

Tracuateua. Prefeitura Municipal de Tracuateua. (2021). Programação oficial da Festividade de São Sebastião e São Benedito 2021. Recuperado de <https://tracuateua.pa.gov.br/a-prefeitura-municipal-de-tracuateua-atraves-da-secretaria-municipal-de-turismo-esporte-e-cultura-em->

parceria-com-a-associacao-da-marujada-de-sao-benedito-e-sao-sebastiao-de-tracuateua-paroquia-sa/

UFPA. Laboratório de Tecnologias Sociais. (2020). Notas Técnicas. Análise da evolução da pandemia de COVID-19 no Brasil – O Estado do Pará. BELÉM:UFPA-INPE-USP-UNIFESP.

Vosgerau, D. S. R.; romanowski, J. P. (2014) Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev. Diálogo Educação*, 14(14), 165-189.

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

CANAL, M. A. F. C., CASTRO, M. C. S., & PALHETA, H. S. (2022). Turismo e religiosidade: os fazeres festivos amazônicos em tempos da pandemia de COVID-19. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 10(1), 27-48. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2022v10n1ID26309>
